



# PARA ALÉM DAS LIVES

## entrevista Fernando Rodrigo Magalhães

Olá Ouvinte, este é o décimo segundo episódio do Para Além das Lives. Eu sou Frederico Pessoa e este podcast é fruto de um projeto de pesquisa realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Hoje converso com Rodrigo Magalhães. Baixista, mestre em música e cultura pela UFMG, que integra diversos grupos em Belo Horizonte, como o Assanhado Quarteto, o Sem Receita, o Choro do Jura, as Havaianas usadas, o bloco Juventude Bronzeada, a Orquestra Atípica de Llamas, entre outros... Rodrigo nos falou sobre a descoberta de novos caminhos, sobre os aprendizados que a pandemia lhe trouxe, a experimentação de campos paralelos à música e como a tecnologia pôde ajudá-lo a realizar projetos durante esse período.

Para Além das Lives: música e tecnologia pós-pandemia

**Frederico:** Ei Rodrigo, tudo bem? Bom, antes de mais nada, obrigado pela disponibilidade em participar! Queria começar te perguntando... Não é uma pergunta, na verdade! Queria pedir para você contar um pouco da sua trajetória. O que você faz. Como foi o seu caminho na música e sua inserção hoje. O que você acha que é bacana trazer pra gente ter registrado aqui.

**Rodrigo::** Eu sou formado em turismo. Eu fiz um curso de turismo antes de ir pra música. Quando esse curso terminou, trabalhei um tempo, mas eu sempre toquei desde adolescente, desde os 14 anos. Eu sou baixista, né? E aí depois que eu formei, eu decidi me dedicar à música mesmo. Aí fiz Bituca, quer dizer o curso lá na Bituca [escola de música em Barbacena] e eu entrei na UFMG, na licenciatura em música e depois mudei para bacharelado em música popular.

Mas como eu já tinha o curso superior, já era formado em turismo, antes de eu terminar o bacharelado, eu fiz a prova de mestrado e passei. Sou mestre em Música e Cultura pela UFMG, com orientação da professora Glaucia Lucas. Aí eu já toco desde os 14 anos. Eu sou de Valadares e me mudei para cá para fazer faculdade. Continuei tocando em vários projetos de banda com um galera da faculdade,

etc. e tal. Fui desenvolvendo... E hoje, o que eu toco é basicamente... Eu toco choro, em uma roda de choro regular, que ficou parada na pandemia. Mas acho que a gente vai entrar nesse assunto mais profundamente. Tenho duas bandas de música instrumental que são o Assanhado Quarteto e o Sem Receita. E sou muito envolvido com o carnaval de Belo Horizonte. Eu sou regente da Juventude Bronzeada, toco no Então Brilha, nas Havaianas Usadas e na orquestra de cumbia, a Atípica de Lhamas. Enfim, e sou chamado para freelas também, todo tipo de trabalho como baixista mesmo. Isto é por aí, resumidamente.

**Frederico:** Bacana, bacana, obrigado. Aí, passando para uma pergunta mesmo, eu queria saber como é que era o seu uso das redes, das redes digitais, esses sistemas de troca, de divulgação de inserção mesmo online. Se esses sistemas eram relevantes para você, na sua prática musical, antes da pandemia.

**Rodrigo::** Cara, eu acho que é bem relevante, mas eu não sou a pessoa mais atuante do mundo não. Assim, eu acho que é muito importante para divulgar trabalho, divulgar show, e ter uma presença também. Para que as pessoas possam me ver movimentando os trabalhos de que eu faço parte e ter uma noção do que eu faço, em geral. E eu acho que isso é muito bom, porque multiplica bastante, né? É a partir do momento que as pessoas vêem o que eu tô fazendo, os shows que eu tô fazendo. Uma vez ou outra, eu posto eu tocando também. Esse tipo de coisa. Eu acho que isso vai multiplicando o trabalho e pessoas me chamam pra tocar.

Acho que até esse lance mesmo... Todo mundo me chama de boi, né? “Chama o boi para tocar lá”, e eu acho que [a pessoa] vai lá e dá uma conferida no - é basicamente Instagram que eu uso - dá uma conferida no Instagram e vai ter uma noção, enfim, do tipo de baixista que eu sou, do tipo de trabalho em que eu sou parte. Só que é muito precário. Eu falo que é precário, porque não é um trabalho profissional de rede social, de maneira alguma, né? É aquela rede social que mistura o pessoal com o profissional pra caramba! Então, não é um trabalho super focado. Mas ainda assim, eu acho que é super importante ter. Sempre com vários momentos querendo não ter rede social, sair dessa “porra”, mas eu acho que não rola! Não dá para não ter, mesmo sendo precário assim. (risos)

**Frederico:** Ah, mas é bacana saber isso. É importante, assim, quer dizer, você é uma pessoa que já não usava muito, mesmo, a internet. Mesmo antes da pandemia. Já assim, fazia alguma coisa ou outra, naquela coisa mais leve e tal, mas não era uma pessoa que realmente estava ali atuante, não é isso?

**Rodrigo::** É. Eu acho que, tipo assim, que o lance é mais que não é uma coisa super pensada ali, sabe? É muito “Ah, tem um show”, divulgo aqui. Ao mesmo tempo, tiro uma foto aqui do céu, coisas minhas

pessoais, minhas amizades e tal, que eu tô fazendo... Não é um Instagram claramente profissional assim, sabe? Nem tem um trabalho planejado, nem tem uma persona definida, sabe?

**Frederico:** E essa questão da pandemia? Porque a gente tá en-  
gatado nessa confusão, né? Ainda não terminou e a gente tá nesse  
abre e fecha, vai e volta. Quer dizer, agora tá menos, mas ainda tá  
sob a ameaça de fechar novamente [Estamos] nessa coisa da pan-  
demia. Então assim, quer dizer, pelo que eu entendi do que você  
disse, você continua não sendo a pessoa que tá muito ali inves-  
tindo nessa coisa do Instagram, né? Assim, tá mais ou menos! Mas  
não entra ali como muita gente que tá super envolvida, dentro e tal.  
Mudou alguma coisa para você? quer dizer, teve alguma diferença  
que aconteceu com essa questão toda dessas surpresas da própria  
pandemia?

**Rodrigo::** Cara, mudou porque quando fechou tudo, todos os tra-  
balhos cancelados, nada para fazer profissionalmente, eu comecei  
a fazer vídeos para o Instagram mesmo. Assim, de chamar amigos  
que tocam e falar: “bora fazer um vídeo aqui, de um minuto, com  
a gente tocando, pra tentar sentir, fazer uma parada, mesmo que  
a distância”. E aí, nesse sentido, mudou, porque eu comecei a fazer  
vários vídeos. Comecei a estudar a ferramenta também. Baixei pro-  
gramas de edição, comecei a estudar mesmo. Peguei os manuais,  
continuei estudando, e acabou que virou uma forma de renda du-  
rante a pandemia. Eu comecei a fazer vários vídeos de música “para  
fora”, né? Tipo assim trabalho mesmo, porque nesse começo eu fui  
fazendo pros trabalhos que eu fazia parte. Eu falei: “Ah, galera, a  
gente não tá fazendo nada... bora fazer um vídeo que a gente pos-  
ta.” No choro mesmo... [Propus de] a gente tentar gravar um choro  
por semana para lançar no horário que seria a nossa roda. Não con-  
seguimos fazer um por semana, de maneira alguma! (risos) Mas fize-  
mos alguns, né? As bandas instrumentais, enfim, todos os trabalhos,  
eu comecei a fazer vídeos para esses trabalhos. E isso acabou me  
rendendo trabalhos profissionais. O que foi excelente, assim, cara,  
foi muito bom. Porque foi uma forma de ganhar grana na pandemia.  
E aí eu troquei o computador com essa grana. Enfim, foi uma coisa  
realmente relevante para mim no período de pandemia.

**Frederico:** E aí uma outra pergunta então, se encaixando, porque  
pelo que você falou foi uma coisa mais do improvisado, né? Você co-  
meçou a fazer os vídeos e tal, mas com um “vamos tocar junto, vamos  
manter o contato”. Mais com essa ideia de manter uma atividade ali,  
mas não era um foco então. Mas, para entender melhor, como é que  
funcionava isso? Quer dizer, porque a música tem problema para  
gravar e tocar todo mundo junto, tem que ser presencialmente. Mas  
os vídeos, você tava gravando os vídeos presencialmente? Era a dis-  
tância? Como é que tava funcionando essa produção com relação  
aos outros músicos? Era ao vivo ou era de outro jeito?

**Rodrigo:** Em nenhum deles a gente encontrava. Era tudo de casa mesmo. E a gente foi desenvolvendo formas de fazer isso a melhor possível, com o equipamento que a gente tem em casa. Então, assim, era tudo gravado de celular. Mas aí, a gente olhava pensava certinho onde na casa, onde que o som ia soar [bem] - quem não tinha equipamento de gravação em casa - pensava onde que podia soar melhor. Aí, por exemplo, o choro, em que a cada semana a gente tentava tocar uma música, alguém fazia uma guia lá e a pessoa gravava ouvindo a guia. Eu pegava esse material, editava, fazia uma mixagem, editava o áudio, editava o vídeo, fazia uma mixagem dentro do meu conhecimento também... Eu tenho uma experiência de ter participado da mixagem de vários trabalhos, mas nunca eu fazendo, né? Então, foi um período que também foi bom nesse sentido. Eu pude por isso em prática... Eu não vou fazer isso profissionalmente, mas eu tenho muito mais noção agora e consigo fazer mixagens de coisa simples tranquilamente. Edição, eu até já tinha mais vivência antes, então foi bom para praticar. A coisa da edição de áudio, está bem dia assim! Mas na mixagem foi muito



bom, por causa disso. É isso. Foi tudo de casa.

E até esse fato, de me render um trabalho. Porque a Fundação Torino me chamou para fazer um festival. Eles têm um festival dos alunos lá, anual. E aí, em 2020 já não teve, por causa da pandemia. E no meio de 2021, eles me chamaram para fazer esse festival online. E esse conhecimento improvisado, de sincronizar uma estrutura caseira para fazer gravações de performance musical, me deu base para dar uma oficina pros alunos de como fazer isso. Então os alunos gravaram a si mesmos nesse mesmo método. Inclusive em grupos. Tinha um grupo que era guitarra, teclado e bateria, cada um na sua casa. Eles não se juntaram também. Eu peguei esse material, editei e o festival foi uma live desse material. Então, assim, foi muito legal, porque essa experiência que eu adquiri fazendo coisas para mim mesmo, para os meus projetos, para os meus trabalhos, acabou me rendendo um trabalho profissional. Foi super legal, super interessante, e salvou! A grana foi fundamental nesse período, né?

**Frederico:** Muito legal! Achei bacana! Porque é isso... Conversei com um pessoal que é do improviso musical, e aí é difícil... Tem que ser presencial, né? Tem que estar junto assim, ou tem que estar pelo menos conectado para conseguir fazer funcionar em tempo meio que real... Mas achei bacana porque é uma solução, tipo: “vamos fazer com o que a gente tem. Vamos tentar!” Porque, ter que investir, sei lá, ficar se envolvendo com um monte de coisas, aprendendo demais, gastando, num momento difícil. Então achei muito bacana essa solução do “vamos com o que temos aqui”. Porque é possível fazer com isso que a gente tem! Gostei demais disso!

**Rodrigo::** E é legal, porque todo mundo estava precisando disso. Assim, tá todo mundo em casa e ninguém animando de ir a um estúdio, porque é fechado, super perigoso. [Durante] a maior parte da pandemia, realmente era muito inseguro fazer isso. Eu mesmo peguei Covid no começo de 2021, em uma gravação. A gente foi fazer um trabalho, que era uma gravação audiovisual do Sem Receita - depois até te mando, porque ficou super legal - e, muito provavelmente, eu peguei lá. Porque um tempo depois, os sintomas aparecerem e tal. Tudo indica que foi lá. E até porque foi a única coisa fora da minha rotina, dos cuidados que eu tava tendo, foi a única coisa que saiu fora. Então é isso, né? Tipo assim, essa coisa de improvisar com o que tem em casa foi fundamental para a gente tocar. Ter alguma forma de se manifestar artisticamente.

**Frederico:** Muito legal! Porque fico pensando que é uma certa metodologia de trabalho, um modo de fazer que você foi desenvolvendo. Coisas que você teve que aprender, saberes novos que tiveram de entrar aí. E também, coisas que você já sabia que você conseguiu aproveitar e destinar de uma outra maneira ali, fazer caminhar com um outro sentido assim. Acho que é legal essa questão

do “se movimentar para”... Você fazer um movimento de realização, de “vamos criar alguma coisa”. Esse “movimento para”, é muito bacana! Mas deixa eu ver que tem outra pergunta. O que eu queria perguntar também, quer dizer... Você falou que fez esses trabalhos, que surgiram outros trabalhos e tal. Eu queria saber disso, do tanto que você realmente fez trabalhos, se rolou mesmo como trabalho. E nos seus grupos, o que você fez para suas bandas, para os grupos em que você toca, se você achou que isso fez alguma diferença. Se, de repente, chamou público, fez alguma uma circulação diferente, enfim, movimentou alguma coisa? O que você acha exatamente que movimentou?

**Rodrigo::** Ó, eu não consigo assim quantificar exatamente o que isso trouxe de vantagem, mas eu acho que, sem dúvida alguma, isso fez com que os grupos continuassem existindo de alguma forma nesse período. Tentando recordar aqui rapidamente esse tipo de trabalho, a conclusão que eu tenho é essa. Tipo assim, realmente as pessoas que seguiam esse trabalho, que tinham interesse nesse trabalho de alguma forma, se mantiveram recebendo alguma coisa disso. Sei lá, uma pessoa que ia no show, que gostava, enfim. Eu penso que de cara teve esse, pelo menos essa manutenção da existência no imaginário de quem gostava. Teve alguns trabalhos com a Pitaya, que é uma banda em que eu toco e que é de forró e reggae, que foram fundamentais. Porque, essa coisa de continuar existindo, porque logo que teve uma abertura, a gente foi chamado para tocar num festival legal, o festival Sarará.

Teve um, foi um mês de evento no quintal lá, o Mamão com Açúcar. E é uma banda que tava meio no começo e tal, e sem dúvida, isso foi relevante assim, sabe? Porque até os vídeos que a gente tava fazendo, viraram um pouco referência para alguns trabalhos dessa produtora também, com os artistas dessa produtora. “Ó, o que os meninos estão fazendo ali, pode ser legal de ser feito”. Essa produtora é produtora do Laguna também. Que é uma banda daqui que é nacional, grande, gigante, e eles fizeram um vídeo com essa pegada, porém mega profissional, né? Mas com essa mesma pegada de estar todo mundo em casa e o que cada um tava fazendo em casa e tal durante a pandemia.

Então, eu acho que foi importante nesse sentido, dos trabalhos continuarem existindo. Pessoalmente, para mim foi super importante porque, é isso, pessoas de outros projetos começaram a me contratar para fazer esse tipo de vídeo. Então, isso não foi pensado, não foi uma coisa nova, tipo “vou começar a editar vídeo agora, porque agora enquanto tiver pandemia vou ser editor de vídeo”. Não foi pensado isso, (risos) mas foi o que rolou e foi maravilhoso, foi excelente para mim. a primeira pergunta eu esqueci!.

**Frederico:** Era... Esqueci também! (risos)

**Rodrigo::** Eu devo ter embarcado tudo aí também na resposta!

**Frederico:** Acho que sim, acho que você respondeu sim! Porque agora eu lembrei aqui. A primeira foi mais ou menos uma coisa que tinha a ver com os trabalhos que você fez para outras pessoas em vídeo. Você falou que fez e rolou uma grana e tal, né? E a segunda era... Isso também acho que você já respondeu. Era sobre as suas bandas, como é que esses vídeos... Se eles tiveram impacto. O que que rolou com esses vídeos que você fez com seus projetos musicais mesmo.

Bom, mas uma outra pergunta que eu queria te fazer... Teve essa coisa desses trabalhos que surgiram, você fez uma série de produções com vídeo e fez para suas bandas também e tal. Mas assim, tô pensando assim: mas e futuramente? Quando a pandemia acabar, tudo normalizado, você tomar a vacina, voltar a tocar ao vivo direto com suas bandas e o carnaval voltar a acontecer e, um dia, quem sabe, tudo realmente normalizar - a gente não sabe se isso vai acontecer dessa maneira exatamente, mas vamos ver. Assim que tudo ficar exatamente como era antes, esse é um trabalho que vai sumir da sua vida, vai deixar de existir, foi uma coisa só de pandemia? O que você acha com relação a isso?

**Rodrigo::** Eu acho que não. Eu não fico vislumbrando fazer vídeos como uma coisa prioritária na minha vida, porque eu sou músico e eu quero, eu tô doido, cada vez mais, para voltar a ser músico, né? Mas eu acho que isso é uma coisa... é um ganho que eu tenho agora sim, pra vida. Tipo assim, de poder ter essas ferramentas tanto para os meus trabalhos, quer dizer, se precisar - hoje em dia, em que isso é uma demanda de todos os projetos, ter vídeo é muito caro. É muito difícil, né?

Os projetos têm que crescer para conseguir levantar uma grana para ter esse tipo de material. Então, eu acho que hoje em dia, eu já conseguiria atender a essa demanda. Talvez não de uma forma super profissional, mas o mais profissional possível, de uma forma muito honesta. Ou, sei lá, se eu quiser montar uma banda hoje, sem recurso, né? O começo de um projeto é muito difícil. Eu acho que a gente consegue produzir um vídeo de qualidade, se não excelente, pelo menos honesta, pra poder já começar a vender o trabalho, para ter essa demonstração. Então, eu acho que não vai ser, eu imagino que não vai ser um foco profissional, mas eu vou continuar fazendo, com certeza absoluta. Isso aí entra como mais uma habilidade que super ajuda, ajuda bastante, assim. E continuo fazendo...

Esse projeto, do Sem Receita, que eu mencionei antes, a gente precisa fazer vários cortes, é um projeto audiovisual. Só que a gente precisa fazer vários cortes para ir abastecendo as redes sociais, né? Cortes de períodos específicos, mudar de formato a história para postar no feed e tal. E eu venho fazendo isso o tempo todo. Eu vou lá, pego o material todo, e continuo cortando e atendendo a essa demanda. Então, eu acho que isso vai continuar, no mínimo, para atender os meus próprios trabalhos, os meus próprios projetos. Não sei se profissionalmente vou continuar fazendo, mas eu acho que tá aí. O ganho tá aí, o aprendizado fica né?

**Frederico:** É legal, essas coisas a gente não perde mesmo! Mas eu queria te fazer uma pergunta também... Deixa eu só lembrar aqui, resgatar... Já sei. Eu estava ouvindo [você] e fiquei pensando. Você falou que comprou equipamento, comprou computador novo e tal. Mas equipamento de vídeo, você também comprou?

**Rodrigo::** Se eu acabei comprando alguma coisa, foi tipo assim um pedestal. Tudo que eu fiz foi com o celular, dentro dessa ideia de lidar com o que tem em casa. Eu tenho uma GoPro também que eu usei bastante.. Logo no começo da pandemia, a gente fez um produto para vender que era tipo, como se fosse uma serenata virtual. A pessoa escolhia uma música, a gente tocava, gravava o vídeo específico pra pessoa, e a pessoa que tava dando de presente, dava no dia do aniversário e tal, casamento, seja lá o que fosse.

Porque as pessoas não podiam se encontrar nem para celebrar essas datas, né? E aí, a forma que a gente fazia, era cada um se filmar em três takes, para ter uma possibilidade de corte de câmera. Aí eu tinha um celular velho, meu celular [atual] e a GoPro. Eu já colocava os três de uma vez (risos), tocava um take só e já tinha os meus três takes prontos ali, né? Então eu facilitava, otimizava o trabalho, porque ter que tocar três vezes... E como era a música que eu pegava pra isso, em geral eu não preparava muito o arranjo de baixo. Pegava o baixo acústico aqui mesmo e tocava ali, meio improvisado. Se eu tivesse que me gravar três vezes, eu teria que fechar os arranjos. Então, ia me dar mais trabalho ainda. Então, facilitou, né? Mas é isso, o celular velho, o meu celular atual, uma GoPro e o máximo que eu comprei na pandemia foi um um tripé para colocar o que tivesse gravando mesmo.

**Frederico:** Muito legal! Porque é simples e é replicável. As pessoas podem fazer isso também, como você fez. Muito bacana mesmo! Muito bacana a solução.

**Rodrigo::** Uma coisa que é doida da pandemia também, é o tanto que as coisas tinham validade. Assim como as lives, que tiveram um boom e já todo mundo cansou, esse projeto também teve um primeiro momento em que a gente conseguiu vender alguns [trabalhos]. Mas depois, o negócio morreu completamente. Tudo enchia o saco, né? Depois de um tempo, nada mais continuava fazendo sentido.

**Frederico:** Parece que a gente aprendeu um pouco disso também com a pandemia, né? Que talvez a tecnologia, essa ideia de criar uma solução por si mesma... Nem tanto... É uma ferramenta que a gente pode usar e tal, mas também não é assim, não é tudo isso,

**Rodrigo::** É o que tem pra hora, mas não vai muito além disso.

**Frederico:** É. Até o título desse projeto, “Para além das lives”, tem um pouco dessa ideia, de que realmente a gente precisa achar so-

Luções muitas vezes. As coisas se esgotam, e é necessário esse movimento de tentar achar outras coisas. Porque tem um limite, ou pelo menos parece ter um limite, né? É isso que a gente também tem que entender. Sei lá, aonde que isso vai, mas enfim... Mas só perguntando também, esse projeto da serenata também é muito legal, né? Teve outros projetos parecidos?

**Rodrigo::** Não, desse tipo não. Aí depois a gente parte... Isso foi bem no começo mesmo. Foi com a Juventude Bronzeada, né? Depois a gente partiu para aquelas lives mesmo. A gente fez quatro ou cinco lives... Acho que foram quatro lives. Que aí era isso: a gente não tinha patrocínio, não tinha investidor, não tinha “porra” nenhuma. A gente ficava lá tocando um tempão, pedindo dinheiro, QR Code do lado e assim pelo menos valia a pena, né? Assim, não, a gente não ganhava nem próximo do que era o nosso cachê de show mesmo. Mas era o suficiente para pagar a nossa pequena estrutura também. Tudo improvisado.

Essa coisa toda, do que precisa fazer para uma transmissão. Eu fui pesquisando, baixei programa de streaming. Desenvolvi com a minha estrutura uma forma de ter duas câmeras também: uma Canon, que a gente ligava via USB, e o celular que ligava de outro jeito, e dava pra fazer um corte. Mesa de som que a gente tinha, porque aí conseguia mixar bonitinho e mandar um som honesto. Tudo low cost total, baixo custo, e a gente se virando para poder valer a pena fazer, né? Porque senão, não daria um retorno mínimo para valer a pena fazer. E isso foi só diminuindo. A primeira, foi muito boa, a segunda... E aí, a última ainda valeu a pena, mas a gente falou: “não galera, já não dá mais. A galera já não aguenta mais isso.”

**Frederico:** E isso você fez só com o Juventude Bronzeada, não fez contra as bandas não?

**Rodrigo::** Eu fiz live com a banda do Então Brilha também, mas aí já era uma coisa maior, tinha patrocínios. Não era gigantesco não, mas já tinha alguma estrutura. E [fiz] também algumas lives contratadas, né? Tipo, eu acho que eu toquei em evento do SESC; toquei com o Assanhado Quarteto em live lá do Cine Brasil; com o Sem Receita também numa live do Cine Brasil. Algumas lives com a estrutura maior, sendo contratado pra live mesmo, né?

**Frederico:** Uma instituição que tava produzindo, uma coisa assim?

**Rodrigo::** Alguns festivais, essas coisas.

**Frederico:** Deixa eu te perguntar outra coisa. Você teve um monte de coisa bacanas que aconteceram né? Vídeos que produziu, trabalhos surgiram e tal. Mas uma pergunta. Você já tem essa inserção, com um monte de grupos em que você atua, diferentes tipos, estilos,

gêneros e tal. Eu queria perguntar também se vocês tiveram alguma coisa assim, de vocês tentarem achar coletivamente soluções? Como são muitos grupos, muita gente, de repente pensar junto formas de tentar superar os reverses desse momento? Isso, de um pensamento coletivo. Você acha que rolou uma coisa assim?

**Rodrigo:** Muito bicho, muito. Porque é isso, né? Tava todo mundo no mesmo barco, todo mundo se lascando. E aí, a gente foi criando formas de se virar. Alguns grupos já têm mais projeção, no sentido de ter mais acesso a trabalhos. Principalmente essa coisa do carnaval, tipo a Juventude é um bloco bem relevante da cidade. Então, tem muito interesse, e a gente consegue mais coisas. Consegue. Mesmo fazendo isso improvisado, tem gente vendo, tem gente que anima a contribuir. Com outros projetos não daria para fazer isso. Os trabalhos instrumentais, por exemplo, o que a gente fez de live e tal, foi dentro de festivais, né? Com instituições contratando, as quais já têm projetos ligados à música instrumental. Se a gente fosse fazer por nossa conta mesmo, dificilmente daria algum retorno financeiro relevante.

E é isso, eu eu sempre me guiei na minha carreira de ter vários trabalhos de tipos diferentes, justa mente pra tentar lidar com essa coisa de ser autônomo, da instabilidade mesmo. Em um período, um projeto tá bombando um pouco mais e o outro dá uma caída. E aí, eu tento tocar, dentro das coisas que eu gosto, eu tento passear por vários meios para ter algum tipo de estabilidade financeira na profissão. E na pandemia, isso foi fundamental, o fato de ter tanta coisa assim.

Por exemplo: um projeto tava morto e um belo dia no preço de uma live pra gente fazer aqui. Então um mês tem esse projeto que dá alguma coisinha. No outro mês é para o outro que vai aparecer um trabalho ali. Para além das minhas coisas individuais com o vídeo que me ajudaram muito, foi fundamental ter isso, né? Vários grupos, todo mundo tentando se virar ali, para sobreviver e cada hora achando uma solução.

**Frederico:** Muito bacana, porque tem esse lado... É bom a gente levantar que é a rede humana mesmo, a rede de relações, como ela é potente. Talvez muito mais potente. E [a partir] dela que se constrói essa rede virtual, né? Essa rede virtual é um meio, mas a rede forte que movimenta mesmo, talvez seja essa humana. E aí, acho que uma última pergunta, pra gente também não alongar muito. Acho que já teve muita coisa bem interessante. Tudo o que você trouxe foi muito relevante. Você falou desses vários projetos. Você já respondeu algumas coisas com relação a, por exemplo, ao vídeo. Você já falou que fica ali, e você pode fazer nas suas produções, com seus grupos. Você tem um certo interesse em fazer também, achou legal fazer isso.

Mas é legal pensar também pro Futuro, né? O que você acha, com todas as questões que apareceram, com as habilidades que você desenvolveu, as soluções que vocês foram encontrando, como você

pensa o futuro? Como você pensa os próximos passos? Um pouco disso... Como é que você pensa essas frentes que você foi desenvolvendo? Em que acabou atuando e talvez continue atuando. Como é que você pensa isso pro Futuro?

**Rodrigo::** Muito incerto ainda, né, Bicho? A coisa começou a reabrir e tal. No final do ano passado a gente tava assim: “não cara, agora vai. Agora vai ser tranquilo e vamos voltar a alguma normalidade.” Aí, começa o ano com essa Ômicron desse jeito. Tipo assim, a agenda de carnaval, das bandas de carnaval de que eu faço parte, estão cheias de shows, precisamos de dinheiro para pagar as contas e agora estamos aí, com medo de fechar. É foda, né? Porque a gente concorda com o fechamento, obviamente. A gente quer, a gente prioriza a saúde. [A gente quer que] todas as pessoas estejam bem, estejam vivas, né? Mas, ao mesmo tempo, não tem nenhum tipo de apoio para embasar esse fechamento. A gente vê jogo de futebol com 60 mil pessoas e um evento de 300 ter o mesmo tipo de restrição, ou não restrição, de um jogo de 60.000 pessoas! É muito “foda”, né?

Então, eu acho que o momento é um momento muito de incerteza. Você não sabe o que vai ter pela frente. E eu sou otimista sempre. Eu acho que essa onda vai ser breve. Eu espero, pelo menos, que ela seja breve. E aí, é isso, quando a gente tiver algum tipo de normalidade, a expectativa é tocar mais, voltar a ser músico mesmo, e ter essa coisa da edição de vídeo como um ativo aí, como um bônus. Como uma vantagem para conseguir possíveis trabalhos e para os meus projetos mesmo.

**Frederico:** Nossa Rodrigo, obrigado demais! Maravilha! Acho bacana porque tem muita coisa bacana que a gente conversou! Bom, é isso! Só te agradecer mesmo, essa disponibilidade de tempo, né? E é isso, abração! Obrigado!

**Rodrigo::** Cara, abração! Até mais, tchau, tchau.

Você ouviu o Para Além das Lives, podcast criado produzido e apresentado por Frederico Pessoa. Obrigado por nos acompanhar. Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para mais informações, acesse @paraalemdaslives no Instagram, nossa página no Facebook, ou o nosso site: [www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net](http://www.paraalemdaslives.fredericopessoa.net). Até a próxima!

realização



incentivo



CULTURA



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA